

As gestões e as sociedades

Alexandre de Pádua Carrieri

INTRODUÇÃO

Antes de tudo, o leitor deve ficar ciente que o NEOS é um grupo de pesquisa construído sob o pronome pessoal reto da primeira pessoa do plural: nós. A posição do grupo, de pesquisa, teórica e metodológica, precisa ser uma construção coletiva e ter significações construídas no cotidiano do grupo. Enquanto grupo, somos resultado de uma genealogia, isto é, um coletivo que institui ações e é, ao mesmo tempo, instituído de efeitos de ações anteriores (FOUCAULT, 1979). O horizonte da ação do grupo é trabalhado na perspectiva de possibilidades, de um devir. Entendemos que o campo de ação dos membros do NEOS, dos sujeitos de pesquisa, não pode ser apreendido como exterior, neutro, amorfo, destituído de significado, de historia e de sujeitos da historia. As construções que pretendemos e realizamos afirmam um lugar de nós, pesquisadores, como sujeitos situados politicamente em direção à transformação social. Os sujeitos aqui são políticos, o estudo da Administração é política, o estudo da gestão também o é. A gestão é



uma categoria do universo organizacional, administrativo dotada de um atributo essencial: o de articular todas as categorias constitutivas desse universo (FRANÇA FILHO, 2009, p 144-145). Como categoria central articula o saber-fazer, o saber-poder, trata-se de uma categoria política. Administrar é fazer política, decidir é uma ação política (FARIA, 2004).

O NEOS: Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade¹, foi concebido como um núcleo interdisciplinar que concentra suas atividades na investigação de fenômenos organizacionais e sociais, procurando construir interfaces entre as áreas da Teoria Organizacional e o Pensamento Social. O Núcleo desenvolve uma visão crítica dos elementos objetivos e subjetivos constitutivos da vida organizada nas sociedades. A vida organizada quer expressar as múltiplas relações dos homens uns com os outros na produção e reprodução de sua existência humano-societária. A atenção do pesquisador não esta focada em uma ou outra organização particular, mas nas relações da (s) organização(ões) com a vida organizada; considerando esta vida como constituída historicamente, e como resultante de múltiplas relações de poder que perpassam, caracterizam e constituem o corpo social. O NEOS, de 2004 até 2014, estava dividido em cinco

¹ O NEOS: Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade, já foi Núcleo de Estudos Organizacionais e Simbolismo, mas antes foi GGI: Grupo de Gestão Internacional liderado pela Professora Suzana Rodrigues e credenciado desde 1991 junto ao CNPq. Assim, há por trás do NEOS uma história com a participação de vários pesquisadores, estudantes de pós-graduação e graduação.

grupos temáticos e entre estes há continua inter relação: 1) Vida Organizada, Teorias do Poder e Estudos Organizacionais 2) Estudos Organizacionais e Crítica 3) Estudos em Gestão, Governança e Empresas Familiares 4) Estudos Organizacionais, História, Memória e Identidade Cultural 5) Estudos organizacionais, Indústria, Cultura e Espetáculo.

A partir de 2014 o grupo passa por uma reformulação e constrói uma linha temática que se denomina: A história da vida organizada e da gestão ordinária, isto é o Núcleo desenvolve uma visão crítica dos elementos objetivos e subjetivos constitutivos da vida organizada nas sociedades. A vida organizada quer expressar as múltiplas relações dos homens uns com os outros na produção e reprodução de sua existência humano-societária; é a vida humana organizada de uma dada forma como, por exemplo, a vida humana organizada segunda a forma capitalista. A atenção do pesquisador deixa, então, de ser uma ou outra organização particular para recair sobre que relação tal organização mantém com a vida organizada, considerando que esta vida é uma vida sob uma forma histórica, determinada (PAÇO-CUNHA, 2008). É importante destacar que para nós, como para Foucault (2000), na vida sob uma forma histórica múltiplas relações de poder perpassam caracterizam, constituem o corpo social.

VIDA ORGANIZADA

O grupo temático A história da vida organizada e da gestão ordinária tem buscado desenvolver seus estudos baseados na perspectiva foucaultiana.

Ao discorrer sobre o deslocamento do poder durante o século XX, Foucault (2000; 2008a; 2008b; 2004) aponta que as normas já não mais limitavam-se a ideia de soberania, que até outrora baseava-se na violência e no sofrimento físico, bem como em formas pouco elaboradas de repressão e opressão. Outras articulações e maneiras de veicular o poder foram se organizando, em torno de novos caminhos e dispositivos, elencados por Foucault (2000; 2006) como os processos disciplinares e a gestão.

Sim, Foucault (2000; 2006; 2008a) fala em gestão, e se por um lado a disciplina compõe-se por normas técnicas, que mimetizam comportamentos e sanções, apoiando-se no direito econômico e no conceito de bem estar social, por outro, a gestão é aquele fenômeno que somente é possibilitado pela ausência de sanções, naquilo que o autor chamou de governamentalidade. Para Foucault (1999; 2000) esse processo está pautado no domínio da vida, na comunidade, no direito internacional e nas normas irresolutas e programáticas, fundando os propósitos para as ações, em que a natureza das obrigações políticas e o fundamento da

autoridade, servem de alicerces para as relações sociais, principalmente as relações desiguais de obediência e dominação (FOUCAUT, 1999; 2000; 2006; 2008a; 2008b).

É nesse sentido que estudar Foucault, no âmbito dos estudos organizacionais, mais precisamente no que se refere à gestão, pode ser de grande importância para o desenvolvimento da área. Pois seus trabalhos contribuem para uma melhor compreensão da ordem dos fenômenos, já que o autor refletiu acerca de como o poder e o saber se relacionam e interdependem um do outro. Foucault (1999; 2000; 2006; 2008a; 2008b) promoveu a reflexão sobre as formas de exercício do poder sobre os indivíduos na sociedade, sejam essas formas as tecnologias ou mesmo o saber poder em suas personificações menos elaboradas. As relações permitem que o poder seja instituído das mais variadas formas de se gerar ou acumular o poder.

Os veículos que possibilitam o percurso do poder são, para Foucault (2000), espécies de dispositivos. Para este mesmo autor (1999), o poder não deve ser tido como imóvel e situado em um único ponto, mas como algo móvel, somente permitido através dos dispositivos que o veiculam. Nesse sentido, a gestão e, por conseguinte, as organizações, podem ser entendidas como dispositivos veiculares de outros dispositivos, quase sempre utilizados para a disseminação de poderes e

saberes. Esse aspecto é discutido por Maravilhas-Lopes (2013), ao discorrer sobre como o conhecimento e a informação constituem uma vantagem para aqueles que deles dispõem.

A gestão, na obtenção e utilização dos saberes que dela fazem parte, é um mecanismo de exercício do poder. Como tal deve ser estudada, observando os impactos e desdobramentos que ela é capaz de causar na sociedade e nos indivíduos. É importante ainda, que nos questionemos se as relações de sujeição podem fabricar apenas sujeitos em defesa da sociedade, ou se também fabricariam sujeitos nocivos a ela. Nesse sentido, ao discorrer sobre o poder e seu exercício como não sendo passíveis de localização em dado ponto, Foucault (1999) desloca a problemática das análises do poder para investigações que permitam identificar e conhecer algumas das práticas de poder, das tecnologias do sujeito e dos regimes de verdade, formatadores e patrocinadores de sujeitos dóceis ou subversivos, úteis ou necessários. Se para o autor, o poder não é germinal de um único ponto, é porque ele é uma rede complexa, na qual se encontram as organizações. É por isso que nos perguntamos qual seria o papel da gestão nessa rede possibilitadora das relações de poder, sujeição ou subversão.

Para alguns membros do NEOS há uma visão de que, fazendo uma analogia a Bourdieu (1988) e a Goldemberg (2004), não se pode pensar em uma forma de

gestão (que se projeta como dominante, mais racionalista, mais eficiente etc.) se não em relação a todas as outras formas, como distâncias, oposições, negações ou impossibilidades.

Uma proposta de alguns pesquisadores do NEOS é a reativação dos saberes locais, como nos dizia Foucault (2000 p. 11) “– “menores”, talvez dissesse Deleuze – contra a hierarquização científica do conhecimento e seus efeitos de poder intrínsecos”. Os saberes desasujeitados que são resultados de táticas, práticas socialmente construídas. Foucault (2000, p. 12) no diz que esses saberes podem ser entendidos como “uma série de saberes que estavam desqualificados como saberes não conceituais, como saberes insuficiente elaborados: saberes ingênuos, saberes hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível de conhecimento ou da cientificidade requeridos. E foi pelo reaparecimento desses saberes de baixo (...) foi pelo reaparecimento desses saberes locais das pessoas (...)” que deve ser elaborada a crítica a Administração, à gestão dita universal. Há de se pensar na impossibilidade de formas únicas e homogêneas do fazer, do realizar no social. Há de se pensar em diversidade de mundos.

O COTIDIANO, A GESTÃO ORDINÁRIA E SUAS HISTÓRIAS

Na perspectiva de se haver com os saberes locais e com a diversidade, temos buscado desenvolver a categoria teórica que denominamos de Gestão Ordinária desenvolvida no cotidiano dos negócios, da vida organizada. O cotidiano é uma categoria que incorpora a ação desenvolvida pelo sujeito comum. Segundo Pinel e Colodete (2010, p.10) poderia ser

capacidade que existe na ação ou prática do Homem Ordinário (ou o homem da rua ou homem comum; um praticante) que com seu modo de ser de astúcias (táticas de invenção no espaço; criador de artimanhas, de embates, de projetos etc.), diante das estratégias (ações próprias do dominador), recria no cotidiano práticas de vida, deixando desvelar seus desejos e seus sonhos, um "*fazer com*". O cotidiano do ser ordinário em ser revela-nos seres não passivos, seres críticos, seres abusados, seres criativos... É só crer para ver ali nas redes tecidas por ele mesmo..

Como apontaram Lukacs (1978) e Martins (2008), as manifestações cotidianas têm merecido ainda pouca atenção das ciências sociais. É o próprio Martins (2008) que ressalta que nos *locus* dos estudos realizados pelas ciências sociais o cotidiano é conceituado freqüentemente como algo sem qualidade própria, que não é parte de um todo, e assim é definido como amorfo, único e diferente. São estudos que, com certa constância, apresentam-se como a descrição de atos do cotidiano como

os usos e costumes sem, contudo, localizá-lo em seus sentidos de existir, seja nas interações acontecida ao longo da história ou em decorrência de motivos plausíveis que justificariam tal ato.

Das pesquisas sob este tema desprende-se aqui que as práticas sociais implementadas são como caminhos percorridos pelos sujeitos, buscando construir ações para se manterem, assim como sua família e até seu negócio², seu cotidiano, porém, como todos os caminhos, esses também se apresentam atravessados por outras práticas, dilemas, problemas, outras construções. As relações sociais envolvidas e em constante jogo na gestão do cotidiano (nas organizações) são objeto de apreensão na gestão ordinária.

O cotidiano pode ser compreendido como uma produção que surge a partir das ações que as pessoas praticam no dia a dia (CERTEAU, 1994, 1996). Segundo Certeau (1994), ele representa o resultado de práticas ordinárias ligadas às vidas de todos nós e, dentre elas, estão aquelas ligadas à gestão das empresas. Assim, estudar o cotidiano da gestão torna-se importante para revelar as ações que em conjunto

²A idéia de negócios familiares (e não organizações familiares) é baseada em Damiani (1991) e Antuniasi (1993). A primeira autora argui que as organizações familiares podem ser definidas como aquelas em que persiste a ocupação de um espaço e se afirmam como grupo afetivo, reforçando o sentimento de familiaridade, desenvolvendo diversas estratégias para a sua sobrevivência como unidades familiares. Já a segunda afirma que a noção de estratégia familiar deve ser tomada como elemento fundamental para a compreensão das ações no processo de inserção e sobrevivência econômica e a manutenção da organização.

compõem o "gerir" e, principalmente, para mostrar como as pessoas comuns participam dele. Assim, um grande foco, do núcleo de pesquisa são os modos de fazer – as práticas – a gestão de negócios, as possibilidades de criar, recriar, desviar, contornar as formas, a forma tida como hegemônica de organizar a vida (MATTELLART; MATTELLART, 1997), incluindo a gestão. A ênfase está no cotidiano dos sujeitos. Martins (2008) ressalta que nos *locus* dos estudos realizados pelas ciências sociais o cotidiano é conceituado freqüentemente como algo sem qualidade própria, que não é parte de um todo, e assim é definido como amorfo, único e diferente. São estudos que, com certa constância, apresentam-se como a descrição de atos do cotidiano como os usos e costumes sem, contudo, localizá-lo em seus sentidos de existir, seja nas interações acontecidas ao longo da história ou em decorrência de motivos plausíveis que justificariam tal ato.

Há algo de extra-ordinário no ordinário do cotidiano. A visão do cotidiano como arena da rotina, dos hábitos, da não mudança e da reflexão, precisa ceder lugar ao olhar para o cotidiano como espaço de possibilidades. Gardiner (2000) afirma que a busca teórica é tratar o ordinário manifesto no cotidiano como um domínio do que é potencialmente extraordinário. Em Lefebvre (1991a; 1991b) há o projeto emancipatório de dis-alienação da vida social, que só é possível trazendo transparência à vida cotidiana, à visualização da realidade de forma multifacetada para assim superá-la. Ultrapassar, impedir a homogeneização no

cotidiano passa por limites á uma práxis repetitiva e em direção a práxis criadora. Para trazer transparência ao cotidiano há de se “des-cobrir” a sua ordinariedade.

Conforme Vizeu (2007) há peculiaridades nas práticas organizacionais no e do Brasil. Um caminho para acessá-las seria a pesquisa histórica, pelas possibilidades de (re)construir um elucidativo relato histórico sobre as práticas administrativas dos sujeitos que vivem e viveram no país. Para o autor é possível verificar os aspectos peculiares da gestão e as formas de organização desenvolvidas no país, assim como as trajetórias históricas das práticas de gestão e as referências sociais, econômicas e políticas que as condicionam.

Especificamente no caso da gestão, observa-se uma determinada inclinação para modelos e modismos que são encarados como pontos de inflexão no pensamento científico da área (ALCADIPANI; ROSA, 2010; IBARRA-COLADO, 2006). São lançados olhares demarcados sem nenhuma preocupação com a história da gestão e as práticas cotidianas que a formaram. Parte disso legitima grupos, e seus discursos, que controlam espaços a partir dos quais acabam por influenciar o entendimento do que é ou não gestão. Buscar resgatar saberes e fazeres possibilita um importante exercício de reflexão sobre a contemporaneidade (BOSI, 2004). Definir e classificar algo – conhecimento, práticas, estratégias, saberes, poderes, etc. é um

exercício de poder que muitas vezes deixa de lado questionamentos sobre as gêneses de saberes e práticas. A ideia de descontinuidade promovida pela fragmentação dos saberes, muitas vezes, induz a percepção de que o hoje não é resultado do ontem, que ele está deslocado, que é novo no sentido do inusitado, sem raízes (DOSSE, 2004).

Em Foucault (2000, p. 76) vemos que esta ideia de descontinuidade, nada mais é do resultante de uma construção discursiva que visa justificar e fortalecer relações de poder. Não existe preocupação com a origem de um saber, mas sim com os embates de saberes, na prevalência de determinados sobre outros, isto é, nas relações de poder, em que determinadas produções discursivas, determinados os saberes alcançam um lugar na história, enquanto outros saberes são silenciados. Na Administração, há um velar histórico para as mais diversas formas de gestão empregadas pelo homens na organização de suas vidas. Em contraposição, o saber de uma racionalidade pragmática empregada na área é justificado e fortalecido através de um discurso histórico em que “profetas” do *business world*, são apontados como realizadores de feitos épicos, na criação de práticas administrativas. *Ocorre um discurso mítico da verdade, que visa legitimar e a instituir práticas e conhecimentos pelos dominantes da retórica gerencial* (WOOD JR; PAULA, 2002).

Diferentemente, nossa atenção se volta para o que foi silenciado, para os saberes que foram menosprezados na história da gestão oficial. Particularmente, busca-se fugir do anacronismo enraizado nos estudos do campo da gestão, desvelando a memória que remete às práticas delineadas em contextos de outrora e que influenciam as realidades vivenciadas na contemporaneidade. Há ainda a intenção de mostrar a relevância das condições históricas que influenciaram o “fazer” dos sujeitos, revelando como o indivíduo se adaptava ao espaço, ao papel e ao lugar que lhe eram dados numa determinada estrutura social. Com tais condições expostas é possível perceber a existência de saberes tácitos que davam suporte a práticas que guardam semelhanças com as definições correntes e com as técnicas disseminadas em torno do que se considera gestão, usualmente: planejar, coordenar e controlar. A partir do propósito aqui lançado, a memória é, em certa medida, o próprio objeto de estudo, uma vez que é a partir dela que são reconstruídas as situações e os momentos verbalizados. Ela faz parte dos hábitos, das estratégias, das maneiras de aprender, das diferentes práticas e serve como um substrato de onde a ação é recontada, uma maneira de ligar a ação do passado ao presente refazendo-o, repetindo-o, ou mudando-o. Aqui a memória está a serviço do acesso ao “fazer” desses sujeitos, que não deixa de ser um “saber fazer”.

FRAGMENTOS DA VIDA ORGANIZADA

O estudo do ordinário e do cotidiano nos levou a buscar entender um aspecto importante em nossa sociedade patriarcal. O lugar da mulher no trabalho, na casa, nos negócios. O estudo de gênero e raça são duas temáticas importantes para o NEOS porque partimos de uma concepção desnaturalizada não só da sociedade, como também das organizações, e do que já caracterizamos aqui como sendo Vida Organizada. Quando se parte dessa concepção, relações sociais historicamente construídas como sendo relações naturais e de cunho biológico são evidenciadas, bem como os mecanismos de poder a elas relacionados. Sendo assim, as desigualdades históricas relativas a gênero e raça que afetam as organizações e as vidas organizadas ganham destaque, já que temos ainda uma sociedade desigualmente estruturada no que se refere a homens e mulheres, e brancos e negros (considerando aqui também a construção social da cor).

Além de uma desigualdade na divisão do trabalho, há uma desigualdade no que se refere à maior ocupação, por homens, de cargos hierarquicamente superiores e também no que se refere à estrutura salarial, além das implicações dessa desigualdade nas relações cotidianas entre homens e mulheres nas organizações (CARRIERI; DINIZ; SOUZA; MENEZES, 2013) No que se refere à questão racial, a gestão, por exemplo, se estabelece como um não-lugar para os negros (mais ainda

para as mulheres negras, quando se coloca em conjunto as dimensões de gênero e raça), estando as organizações ainda reproduzindo mecanismos históricos de segregação e exclusão por meio da socialmente construída noção de raça. No mercado de trabalho, os negros ainda ocupam os cargos mais precários e desprestigiados do ponto de vista simbólico. E ainda sofrem preconceitos cotidianos que, no Brasil, assumem um caráter mais velado e implícito. Além disso, trabalhamos com as já várias evidências e considerações de autores a respeito de termos construído hegemonicamente uma gestão masculina, branca, e ainda heterossexual, se nos referirmos também à socialmente construída ideia de heteronormatividade na sociedade. Dito isso, não podemos desconsiderar em nossos estudos mecanismos históricos e sutis de desigualdade, exclusão e dominação que possuem implicações diretas na maneira como as organizações e as relações nelas constituídas se efetivarão (SOUZA; CARRIERI, 2010).

O tema da dominação, diferentes feições da gestão, da diversidade de práticas e dos diferentes sujeitos foi incorporada pelas pesquisas sobre identidades. Compreendemos a análise das identidades no contexto do cotidiano (dos negócios, nas organizações) como um atributo em constante mudança, que se constrói diariamente a partir das interações sociais. As identidades são práticas, vistas e revistas cotidianamente. Orientadas por racionalidades diversas, algumas identidades são mais, outras menos, autênticas, compensadoras e

autorrealizadoras (CIAMPA, 2005; GUERREIRO RAMOS, 1981). O conceito de identidade é relevante para os estudos organizacionais, pois ele abre possibilidades para se explorar a questão da subjetividade no decorrer das interações cotidianas. Compreender o processo de formação identitária permite o esclarecimento da articulação das identidades individuais em níveis organizacionais e demais níveis coletivos. Ampliamos, dessa forma, o entendimento dos sentidos identitários coletivamente partilhados em uma organização, das restrições que a identidade coletiva/organizacional impõe à identidade individual e das razões que levam o sujeito a fazer parte de uma organização.

Tais questões são consideradas centrais aos estudos organizacionais (ALBERT; WHETTEN, 1985; ASFORTH; MAEL, 1989; HATCH; SCHULTZ, 1997; CALDAS; WOOD Jr., 1997; SOUZA; CARRIERI; 2012 – para citar apenas alguns autores que já discutiram a temática).

A sobrevivência, as táticas desenvolvidas pelos sujeitos no seu dia-a-dia, de seus negócios, seus trabalhos, dirigiu o olhar de pesquisadores do NEOS para o tema da estratégia. Passamos a estudar as estratégias “como práticas”, postura de pesquisa que busca ir além de certas posições estruturadas, permitindo que emirjam locais intermediários nas pesquisas sobre a gestão.

Já existem sinais de que o discurso da comunidade de pesquisa em estratégia como prática reflete essa consciência que os está forçando para algum tipo de explicação "trans-individual", que não se restringe às meras "atividades" de atores estratégicos, nem à ênfase tradicional nas macro-estruturas e processos³ (CHIA; MACKAY, 2007, p.217).

Para Souza (2011, p. 859):

Os estudos que utilizam esta abordagem buscam compreender estratégia como atividade situada em contexto e efetivada socialmente, entendendo como prática a ação dos sujeitos e os diferentes procedimentos, rotinas e ferramentas utilizadas na sua interação (JARZABKOWSKI et al., 2007). Assim, a estratégia como prática é uma abordagem que propicia a observação da relação entre a perspectiva micro do cotidiano do estrategista e a perspectiva macro das práticas definidas para elaboração da estratégia, o que possibilita explorar como essa relação opera.

Assim, se algumas escolas da perspectiva clássica consideram a estratégia como um processo de planejamento formal executado deliberadamente, que se inicia nas camadas hierárquicas mais altas (MINTZBERG, 2004; VOLBERDA, 2004), nos estudos da estratégia como prática pode-se ver esse mesmo processo pela ótica

³ Tradução nossa.

das relações de poder (FOUCAULT, 1992; 2004). Nesse sentido, se situa a "(...) estratégia corporativa como um conjunto de discursos e práticas que transformam gerentes e empregados em sujeitos que lhe asseguram" (KNIGHTS; MORGAN, 1991, p. 252).

Por este caminho, a formulação de estratégias de estilo "top-down" (KNIGHTS; MORGAN, 1991) seria analisada através das relações que foram capazes de tecer. E uma abordagem que pode trazer bons frutos para a estratégia como prática é a analítica do poder desenvolvida em Foucault (2004) e em alguns textos de Foucault (1992). Nestes dois volumes (o segundo é um conjunto de textos, organizados posteriormente) pode-se observar a negação de um grande poder cruel e centralizado, que se origina de uma única fonte, que vitimiza àqueles submetidos ao seu controle. Nessas obras, Foucault desenvolve uma genealogia: um poder em sua relação com os sujeitos, as tecnologias e discursos que visam a construção de indivíduos aptos a atenderem determinadas demandas. Analogamente, a estratégia formal é uma forma de poder, que se traduz em discursos e tecnologias e tem como principal alvo as práticas dos indivíduos, a criação de sujeitos úteis (FOUCAULT, 1992).

O cotidiano e a gestão ordinária trouxeram para o grupo o *locus* da cidade (das cidades) de Belo Horizonte, principalmente. A cidade é construída por meio da

organização do espaço em ruas, bairros, praças, dentre outros. Diante disso, é fundamental observar que esses espaços e, conseqüentemente, as cidades, se modelam a partir de “movimentos norteadores de *habitus*, formas, dimensões e critérios dos mais variados grupos” (ANGELO, 2014, p. 267). Em outras palavras, a cidade se (re)constroi no cotidiano das pessoas que a povoam. É neste sentido que se torna fundamental analisar as formas de gestão que permeiam os espaços que constituem as cidades. Assim, como afirmam Alcadipani e Almeida (2000), o espaço é tido como um elemento neutro e é, muitas vezes, negligenciado no estudo das organizações. Porém, é importante ressaltar que a análise do espaço e, conseqüentemente, da cidade, pode contribuir para desvelar as formas de gestão empreendidas na cotidianidade desses lócus. Por isso, o espaço da cidade é travestido em arranjos simbólicos, o que o transforma em uma fonte inesgotável para análise da gestão e as formas de gestão. Em outras palavras, a gestão pode assumir diferentes feições dado o espaço no qual é desenvolvida e a cotidianidade que a envolve.

REPENSANDO A ADMINISTRAÇÃO POSSIBILIDADES EPISTEMOLÓGICAS E METODOLÓGICAS

No nosso olhar a Administração, assim como os pesquisadores desse campo de saber que, enquanto um saber-poder, deve ser capaz, de fazer reflexões não

sujeitas a interpretações exclusivas e monolíticas. Segundo Latour (1994), para a modernidade se concretizar ela deve ser capaz de produzir reflexões híbridas de suas próprias construções, de sua própria ciência. É preciso apontar, como nos mostra Gagnebin (2005, p. 189), que o conhecimento moderno “é um [eterno] ter. Seu objeto se determina a si mesmo pelo fato de que a consciência, seja ela transcendental ou não, deve dele tomar posse. O caráter de posse lhe é imanente. A Administração como Ciência Social Aplicada busca “ter” o conhecimento sobre a gestão, a posse de um conhecimento que se quer moderno e imanente. Essa posse faz com que sejam esquecidos, ou não lembrados, ou ainda silenciados, conhecimentos ditos tradicionais, outras racionalidades que não a instrumental, outras formas de gerir que não aquele objeto do conhecimento científico moderno.

Na visão de Benjamin (2006), podemos dizer que a razão instrumental é a derrocada das outras razões. A razão instrumental é típica do capitalismo, pois é uma racionalidade que se volta para o aprimoramento da técnica, para o aumento infundável da produtividade. A razão instrumental, para o autor, é um alucinógeno, porque projeta um mundo de fábula, em que a técnica redime o mundo (e o homem) gerando progresso interminável. Na perspectiva do autor acima citado, deve-se atacar o mito de que o progresso da humanidade está sempre vinculado ao desenvolvimento da técnica, ao desenvolvimento das forças

produtivas, da dominação sobre a natureza. Assim, nos lugares em que o discurso hegemônico vê progresso, Benjamin denuncia a iminência da catástrofe – possibilitada, dentre outros fatores, pelo aperfeiçoamento técnico dos meios de destruição em massa da humanidade.

O conhecimento administrativo baseado na razão instrumental, na ideia de progresso interminável, do aperfeiçoamento técnico das ferramentas e modelos trazidos na/pela modernidade, busca reforçar uma temporalidade que leva a um sentimento de que tudo se torna transitório. Para Gagnebin (2004, p. 50), “segundo Benjamin, esta compreensão da temporalidade é inseparável da produção capitalista, em particular do seccionamento do tempo no trabalho industrial e da transformação dos produtos da atividade humana em mercadorias, novidades sempre prestes a se transformarem em sucata”. Observa-se, na modernidade, a desvalorização dos objetos – em busca do “sempre novo” – e essa naturalização da realidade se estende para as relações intersubjetivas, ou seja, os seres humanos são transformados em mercadorias, há uma ruptura da relação entre o sujeito com as coisas e palavras que reproduzem o mundo, em um movimento de deslocamento das relações sociais. Contudo, deve o pesquisador ter em mente que nessa visão da temporalidade capitalista, pode existir outras temporalidades, outros saberes, outras formas intersubjetivas não tão deslocadas das relações

histórico-sociais. Cabe, então, ao pesquisador experimentar o mundo olhando, ouvindo e, até mesmo, escrevendo.

Sobre essa experimentação, Oliveira (1988) e Bourdieu (2000) nos dizem que, enquanto pesquisadores em uma disciplina social (mesmo aplicada como a Administração), devemos buscar nos concentrar em três principais faculdades: o olhar, o ouvir e o escrever. Ao observar o outro, devemos disciplinar o olhar, refratando a realidade. Para esses autores é necessário estar consciente desse olhar, mas também estar sensível aos eventos não previstos, por isso os estranhamentos. Em seguida, ao ouvir, o pesquisador deve se preocupar em estabelecer uma interação dialógica com os sujeitos. Há de se reconhecer a subjetividade dos sujeitos. Antes de serem fontes de dados, fontes de informação, de conhecimento, são os "Outros". Agar (1980) e André (2007) chamam a atenção para as descrições e análises (pesquisas) que mostram como o mundo social investigado faz sentido sob a perspectiva do Outro e não do observador/pesquisador. Para esses autores, o pesquisador deveria "ultrapassar seus próprios métodos e valores, admitindo outras maneiras de conceber e recriar o mundo" (ANDRÉ, 2007, p. 45). Abandonando, ou melhor, buscando abandonar os próprios valores na interpretação dos fatos observados, o pesquisador estaria tentando capturar a maneira como os sujeitos, esses Outros no mundo, percebem os seus contextos e lhes dão significados. Por fim, o ato de

escrever é anotar, registrar, historiar, narrar, descrever. Para Certeau (1994, p. 199), escrever é uma "atividade concreta que consiste, sobre um espaço próprio, a página, construir um texto que tem poder sobre uma exterioridade da qual ele foi previamente isolado". Para ele há três elementos importantes: uma página em branco, um texto e o movimento que mudará a realidade social que lhe deu origem, tornando-a estável, passível de leitura. Através desses elementos organiza-se um lugar, um *locus* social, uma sociedade, sem contudo conseguir representar o real.

O NEOS abriga estudos de natureza não positivista, privilegiando metodologicamente a abordagem qualitativa por meio da análise linguística do discurso. É procurando entender a interação social, histórica, cotidiana e linguística dos sujeitos, de suas famílias, e de seus negócios, nos espaços coletivos

das cidades, organizações como um dialogismo⁴ – e permeadas por polifonias⁵ – é que foi se constituindo metodologicamente o tema da Vida Organizada. Para isto baseou-se nas ideias de Certeau (1994) sobre o estudo da cultura ordinária. Nesse sentido, buscamos nos basear no que esse autor aponta como elementos principais de seu estudo: a oralidade, o ordinário e o operatório. A oralidade como sendo o caráter fundador das trocas sociais – entre nós e os “Outros”. Não há comunicação, entrevistas, conversas sem a oralidade. O operatório aponta para as práticas que organizam o cotidiano daqueles espaços em exposições permanentes de mercadorias. O ordinário, a gestão ordinária dos pequenos negócios, prática social, cultural que é formada por uma pluralidade de códigos, referências e interesses pessoais, relacionais, práticas que podem evidenciar até mesmo uma resistência contra um modelo imposto, visto como mais racional, eficiente. (JOSGRILBERG, 2005)

⁴ Fiorin (2006) e Barros (2003) evidenciam que o dialogismo é um princípio do pensamento bakhtiniano para compreender a construção do discurso, e que se desdobra em dois aspectos: “o da interação verbal entre o enunciador e o enunciatário do texto, o da intertextualidade no interior do discurso” (BARROS, 2003, p. 2). Bakhtin (1979) trata das relações do eu com o outro. “Entretanto, o outro é uma posição social, expressa num texto. As relações dialógicas de que ele se ocupou não são o diálogo face a face, mas as relações entre posições sociais” (FIORIN, 2006, p. 15).

⁵ Já polifonia, pra Bakhtin (1979) e Ducrot (1987), evidencia a heterogeneidade no discurso, as diferentes vozes e enunciados que aparecem em um discurso. A polifonia pode aparecer na produção científica para lhe conferir “veracidade”. Essas citações ou as vozes de outrem aparecem também na linguagem cotidiana, com bastante frequência e podem dar indicio de várias construções de sentido e representações compartilhadas. A polifonia discursiva muitas vezes aparece como estratégia de persuasão e é nesse sentido também muito importante para as análises deste trabalho. (MURTA, 2009)

A análise linguística do discurso é um campo historicamente contestado porque existe uma diáspora no que se denomina "análise do discurso", diáspora que produz uma Babel de formas para estudar e compreender o discurso. Assim, a diversidade de formas de analisar o discurso produzido pelo homem, todas elas camufladas sob a única denominação de "análise do discurso", constitui um campo heterogêneo e múltiplo. Gill (1996) afirma que não há uma análise do discurso, mas diversos estilos de análise. O que os diferentes estilos de análise compartilham é uma rejeição da noção realista de que linguagem é simplesmente um meio neutro de refletir, ou descrever o mundo, e uma convicção da importância central do discurso na construção da vida social. Sabe-se que a análise do discurso foi constituída como uma crítica às abordagens positivistas, é também muito usada pelo estruturalismo e pós-estruturalismo (POTTER, 1996). Para Gill (1996), podem existir cinquenta e sete formas de análise do discurso, tal variedade torna quase impossível traçar as diferenças epistemológicas entre elas. Contudo, para muitas pesquisas realizadas pelo grupo em organizações, especificamente, o discurso é crucial, visto que ele fornece um determinado sistema de interpretação da realidade, que delinea práticas à organização e busca regular e influenciar o comportamento dos indivíduos. De acordo com Hardy (2001), estudos discursivos em organizações deveriam se concentrar no processo pelo qual tais discursos são criados e na relação deles com as práticas desenvolvidas no cotidiano das organizações.

Fazer bricolagens (CERTEAU, 1994) do real para buscar organizar um *locus* social de trabalho, de pesquisa é o que buscam alguns pesquisadores do NEOS. Um *bricoleur* pode juntar os restos e as sobras de estruturas simbólicas, de figuras alegóricas, de metáforas que são preciosas por permanecerem às margens (CAIAFA, 2002) configurando um acervo de coisas para fazer pensar. O termo bricolagem pode ser visto em Lévi-Strauss (1970) e em Certeau (1994). Para esses autores, mesmo tendo uma relação paradigmática diferente, o pesquisador, o sujeito no mundo a partir de fragmentos de várias formulações, de experiências diferentes e diversas, produz um todo (a pesquisa, o relatório de pesquisa), sua visão de mundo. Ressalta-se que esse todo não é uma simples junção dos pedaços, dos fragmentos, mas um arranjo que dá origem a um conjunto novo. Um novo olhar são as artes de fazer (CERTEAU, 1994). Essa visão não é diferente daquela de Benjamin (1987, §17), em suas “Teses sobre a História”. Para ele,

Pensar não inclui apenas o movimento das ideias, mas também sua imobilização. Quando o pensamento pára, bruscamente, numa configuração saturada de tensões, ele lhes comunica um choque, através do qual essa configuração se cristaliza enquanto mônada. (...) Nessa estrutura, ele reconhece o sinal de uma imobilização messiânica dos acontecimentos, ou, dito de outro modo, de uma oportunidade revolucionária de lutar por um passado oprimido. Ele aproveita essa oportunidade para extrair uma época determinada do curso homogêneo

da história; do mesmo modo, ele extrai da época uma vida determinada e, da obra composta durante essa vida, uma obra determinada. Seu método resulta em que na obra o conjunto da obra, no conjunto da obra a época e na época a totalidade do processo histórico são preservados e transcendidos.

Essa prática proposta pelo autor, que também é um método de analisar manifestações históricas na sociedade, constitui a possibilidade do pesquisador se tornar um ator político que configura o passado, ou os elementos de sua pesquisa, conforme os discute, os confronta. Para isso se requer uma determinada postura do pesquisador. Essa postura expressa que nenhum fato, por mais simples que seja, pode ser considerado perdido para a história que ele conta. Desse modo, o pesquisador deveria encarnar também a figura do cronista e seguir as pistas deixadas por Benjamin (1994, p.223):

O cronista que narra os acontecimentos sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos seus momentos.

Para realizar a crônica do cotidiano e alguns pesquisadores do NEOS buscaram a experiência de reviver o que Benjamin (1994) denominou de *flâneur*: ver as pessoas sem ser visto, ver o movimento, são imagens que corporificam o prazer da cidade (o prazer da pesquisa) e a ideia de liberdade que o anonimato supõe. Para Benjamin (1994), assim como para nós, o *flâneur* é um observador do mundo em uma perspectiva panorâmica, para poder ver as diferenças, a diversidade que povoa os espaços urbanos.

A imagem do *flâneur*, desenhada por Benjamin (1987), partindo de Charles Baudelaire e Edgar Allan Poe, acena para a possibilidade de um caminhar vivendo experiências nas ruas, nas avenidas, nas galerias, nas exposições, nos cafés, nos parques e em meio a multidões que ocupam os espaços urbanos. Para pensar o flunar é importante adotar a *flanerie* para além do século XIX em Paris. Hoje, nas sociedades modernas pode-se mencionar a existência de *flâneurs* buscando outros ângulos de visualização da produção social cidadina. Cabe ao pesquisador *flâneur* retomar o passado social-histórico a partir do presente. “O trabalho do historiador é escovar a contrapelo” (BENJAMIN, 1987, p. 225), pois, então, ele descobriria na narrativa histórica tudo aquilo que não foi revelado. A história linear é a história dos vencedores, mas a história deve reviver as vozes dos vencidos. Nessa retomada importa também resguardar o caráter de um conhecimento que leva em conta a história, a cultura e a tradição coletiva, quer

dizer, a experiência. Para o pesquisador *flâneur* as casas e as ruas, as galerias, mercados, *shoppings* populares tem cada qual sua história própria e fazem emergir tempos diversos (não lineares) que irrompem no presente. Para Massagli (2008, p. 57-58):

O *flanêur*, portanto, é [um] leitor da cidade, bem como de seus habitantes, através de cujas faces tenta decifrar os sentidos da vida urbana. De fato, através de suas andanças, ele transforma a cidade em um espaço para ser lido, um objeto de investigação, uma floresta de signos a serem decodificados – em suma, um texto. [...] O *flanêur*, protótipo do sujeito moderno, por estar no meio do que tenta descrever e não ter neutralidade e distanciamento na sua observação (se é que isso alguma vez foi possível), limita-se a apontar as transformações do cenário urbano e a revelar sua historicidade

As ideias do *bricoleur* e do *flâneur* se ajustam muito bem. Tanto Certeau (1994), como Benjamin (2006) respectivamente buscavam contar a história de modo diferente. Para ambos a história está nos pequenos acontecimentos, acontecimentos rotineiros, cotidianos. Na perspectiva benjaminiana a história não pode ser vista como processo linear. A história apareceria como uma bricolagem, segundo Certeau (1994), onde descarta-se o processo linear, coerente, retilíneo. Para Benjamin é no uso das alegorias, das metáforas e para Certeau é nas práticas dos sujeitos que poderemos evidenciar a história do cotidiano. As práticas aparecem

nas táticas e estratégias de sobrevivência dos sujeitos e através destas pode-se observar o uso criativo e oportunista do “tempo” e do “espaço”.

Outros pontos de ligação entre esses dois autores é evidenciado por Stambonsky e Oliveira (2010), que apontam o ato de caminhar, do *flâneur* e do *bricoleur*, como uma ação de observação e enunciação que tem a função de apropriação do sistema topográfico pelo sujeito que se move, que observa, que flana. Além disso, continuam as autoras, para Certeau e Benjamin as formas espaciais são produtos de intervenções humanas, materializações de projetos elaborados por sujeitos históricos e sociais e, por trás dos padrões espaciais, das formas criadas, dos usos dos solos, das repartições e distribuições, dos arranjos locais, estão concepções, valores, interesses, mentalidades, visões de mundo, enfim, todo o complexo universo da cultura, da política e das ideologias.

Em um contexto cotidiano em que existem diversas formas de se organizar a vida, a quantidade de fragmentos passíveis de serem reagrupados é enorme. Interessa-nos não a quantidade, mas como que, mesmo com eles às vistas dos estudiosos, ainda são tão poucos os estudos que permitem, através desses pequenos negócios familiares, revelar sua importância no entendimento do todo social.

Por fim, o NEOS, mais precisamente o tema da Vida Organizada busca evidenciar um processo de “construir” uma constelação⁶ e evidenciar uma gestão ordinária, uma outra gestão. Não é negar a Administração, disciplina de um saber científico, enquanto um saber-poder. É preciso lembrar das palavras de Foucault (1987) que um saber só se faz por sua desconstrução constante. É Butler (1998) que nos diz que desconstruir é pôr em questão. Nesse sentido, questionar a gestão é buscar abrir o termo a uma reutilização e uma redistribuição que anteriormente não estava autorizada (constelações e estrelas eclipsadas). Desconstruir o termo – gestão, gerir, administrar – é possibilitar múltiplas significações, é buscar emancipá-lo das ontologias às quais está/esteve restrito e fazer dele um lugar onde novos significados podem emergir. Gestão é um termo que deve permitir uma ressignificação. Em certo sentido, o que gestão significa sempre foi dado

⁶ Constelação é outra das metáforas de Benjamin. Segundo Buck-Morss (2002, p. 03), “se entendermos as estrelas como dados empíricos – fatos e fragmentos do passado – virtualmente ilimitados em número, virtualmente intemporais em sua existência, então nossa tarefa científica enquanto acadêmicos é descobri-los é vincular esses fragmentos e fatos em figuras legíveis no presente, produzindo constelações. Numa sociedade ideal, conta-nos Benjamin, todas as estrelas seriam incluídas, e toda constelação seria legível. Mas, na nossa, isso é impossível. O poder distorce a visão dos céus, impondo seus pesados telescópios sobre certas áreas, de modo que sua importância se amplia, obstruindo outras de forma tão avassaladora, que ficam completamente invisíveis. Tal poder não é apenas imposto pelo Estado, mas está alojado na própria estrutura de nossas disciplinas – elas próprias aparelhos de ampliação, que encorajam a inserção de novas descobertas nas suas constelações de discurso já cartografadas, mudando seu foco apenas lentamente, para se adaptar à maré dos tempos. [...] Ainda, uma vez, em termos da abordagem de Benjamin, não basta produzir outras constelações, como as de história das mulheres, história dos negros ou semelhantes”, os fatos revelados por esses estudos deveriam visar explodir as visões dominantes de nossa época, os jogos de verdade produzidos por nossa época, por nosso presente. Devemos criticar o pensamento único, a ideia de uma consciência Una (MATOS, 2010).

como neutro, como fixado, como normatizado e imobilizado. Resignificar, pensar sobre a gestão como ordinária, mas política, é buscar expandir as possibilidades do que significa gerir, gestão, Administração, não esquecendo que são termos, categorias, um lugar de disputas políticas. Desconstruir o termo e seus usos é deslocá-los dos contextos dominantes nos quais foram dispostos como instrumentos de poder. É questioná-lo. É até mesmo questionar nossa prática de ensino, de coordenação de um grupo de pesquisa, nosso lugar de saber-poder.

REFERÊNCIAS

ALBERT, S.; WHETTEN, D. A. Organizational identity. In: CUMMINGS, L. L.; STAW, B. M. (orgs.). Research in organizational behavior. Greenwich: Jay Press, 1985. v. 7. p. 263-295.

ALCADIPANI, R.; ALMEIDA, A. Por fora bela viola, por dentro...: análise crítica sobre a gestão do espaço nas organizações através de um estudo de caso sobre a implementação de um escritório aberto no Brasil. Organizações & Sociedade, Salvador, v. 7, n. 19, p. 35-52, set./dez. 2000.

ALCADIPANI, R.; ROSA, A. R. Pesquisador como o outro: uma leitura pós-colonial do "borat" brasileiro. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 50, n. 4, p. 371-382, out./dez. 2010.

ANGELO, E. R. B. Identidades, festas e espaços dos imigrantes em Petrópolis, RJ, e suas relações com a história do turismo e da cidade. Rosa dos Ventos, Caxias do Sul, v. 6, n. 2, p. 263-279, abr./jun. 2014.



ANTUNIASI, M. H. R. Estratégias familiares na organização do trabalho. *Informações Econômicas*, São Paulo, v. 22, sup. 1, p.17-22, 1993.

ASHFORTH, B., MAEL, F., Social identity theory and the organization. *Academy of Management Review*, Briarcliff Manor, v. 14, n. 1, p. 20-39, Jan. 1989.

BAKHTIN, M. (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979. 200 p.

BARROS, D. L. P. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (Org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: EDUSP, 2003. p. 1-9.

BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte/São Paulo: UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. 1167 p.

BENJAMIN, W. Pequena história da fotografia. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 100-113.

BENJAMIN, W. Teses sobre a história. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 1. p. 222-232.

BOSI, E. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004. 224 p.

BOURDIEU, P. *La distinción*. Madri: Taurus, 1988. 600 p.

BUCK-MORSS, S. Aesthetics and anaesthetics: Walter Benjamin's artwork essay reconsidered. *October*, Cambridge, v. 62, p. 3-41, Autumn, 1992.

BUTLER, J. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”. Cadernos Pagu, Campinas, n. 11, p. 11-42, 1998.

CAIAFA, J. Jornadas urbanas: exclusão, trabalho e subjetividade nas viagens de ônibus na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: FGV, 2002. 183 p.

CALDAS, M. P.; WOOD JR., T. Identidade organizacional. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 6-17, jan./mar. 1997.

CARRIERI, A. P. A gestão ordinária. 188 f. 2012. Tese (Professor Titular) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

CARRIERI, A. P.; DINIZ, A. P. R.; SOUZA, E. M.; MENEZES, R. S. S. Gender and work: representations of femininities and masculinities in the view of women Brazilian executives. Brazilian Administration Review, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 281-303, July/Sep. 2013.

CARVALHO, C. A. P. Outras formas organizacionais: o estudo de alternativas ao modelo empresarial na realidade brasileira. Recife: CNPq, 2006. (Projeto Procad/CNPq)

CASTORIADIS, C. Sujet et vérité dans le monde sócio-historique: séminaires 1986-2987. Paris: Seuil, 2002. 495 p.

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: as artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. v. 1. 352 p.

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996. v. 2. 376 p.

CHIA, R.; MACKAY, B. Post-processual challenges for the emerging strategy-as-practice perspective: Discovering strategy in the logic of practice. *Human Relations*, London, v. 60, n. 1, p. 217-242, jan. 2007.

CIAMPA, A. C. Estória do Severino e a história da Severina. São Paulo: Brasiliense, 2005. 248 p.

DAMIANI, A. L. População e geografia. In: DAMIANI, A. L. Caminhos da geografia. São Paulo: Contexto, 1991. p. 55-72

DOSSE, F. História e ciências sociais. Bauru: Edusc, 2004. 321 p.

DUCROT, O. O dizer e o dito. Campinas: Pontes, 1987. 222 p.

FARIA, J. H. Economia política do poder. Curitiba: Juruá, 2004. v. 1. 201 p.

FIORIN, J. L. Linguagem e ideologia. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003. 88 p.

FOUCAULT, M. Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2000. 396 p.

FOUCAULT, M. Estratégia, poder-saber. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. 464 p.

FOUCAULT, M. História da sexualidade: a vontade de saber. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999. 164 p.

FOUCAULT, M. Microfísica do poder. 10. ed. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1992. 295p.

FOUCAULT, M. Segurança, território, população. São Paulo: Martins Fontes, 2008b. 572 p.



FOUCAULT, M. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2004, 262 p.

FOUCAULT, M. Nascimento da biopolítica. São Paulo: Martins Fontes, 2008a. 469 p.

FRANÇA FILHO, G. C. Para um olhar epistemológico da administração: problematizando seu objeto In: SANTOS, R. S. (Org.) A Administração política como campo do conhecimento. Salvador: Mandacaru/Hucitec/FEAD/UFBA, 2009. p.123-147.

GILL, R. Discourse analysis: practical implementation. In: RICHARDSON, J. T. E. (Ed.) Handbook of qualitative research methods for psychology and the social sciences. Leicester: British Psychological Society, 1996. p. 356-377.

GOLDENBERG, M. De perto ninguém é normal. Rio de Janeiro: Record, 2004. 192 p.

GUERREIRO RAMOS, A. A nova ciência das organizações: uma reconstrução da riqueza das nações. Rio de Janeiro: FGV, 1981. 209 p.

HARDY, C. Researching organizational discourse. International Studies of Management & Organization, Armonk, v. 31, n. 3, p. 25-47, Fall 2001.

HATCH, M. J.; SCHULTZ, M. Relations between organizational culture, identity and image. European Journal of Marketing, Bingley, v. 31, n. 5/6, p. 356-365, 1997.

IBARRA-COLADO, E. Organization studies and epistemic coloniality in Latin America: thinking otherness from margins. Organization, London, v. 13, n. 4, p.463-488, July 2006.

JARZABKOWSKI, P.; BALOGUN, J.; SEIDL, D. Strategizing: the challenges of the practice perspective. Human Relations, London, v. 60, n. 1, p. 5-27, Jan. 2007.

KNIGHTS, D.; MORGAN, G. Corporate strategy, organizations and subjectivity: a critique. *Organization Studies*, London, v. 12, n. 2, p. 251-273, 1991.

LEFEBVRE, H. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991a. 216 p.

LEFEBVRE, H. *Critique de la vie quotidienne II – fondements d'une sociologie de la quotidienneté*. Paris: L'Arche, 1991b. 357 p.

LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970. 448 p.

LUKÁCS, G. *Introdução a uma estética marxista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. 300 p.

MARAVILHAS-LOPES, S. P. A gestão da informação na análise de Foucault sobre as relações poder-saber. *Biblios*, Brasília, n. 51, p. 70-77, 2013.

MARTINS, J. S. *A sociabilidade do homem simples*. São Paulo: Hucitec, 2008. 176 p.

MASSAGLI, S. R. Homem da multidão e o *flâneur* no conto “O homem da multidão” de Edgar Allan Poe. *Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*, Londrina, v. 12, p.55-65, jun. 2008.

MATOS, O. C. F. *Benjaminianas: cultura capitalista e fetichismo contemporâneo*. São Paulo: Unesp, 2010. 302 p.

MATTELART, A.; MATTELART, M. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 1997. 224 p.

MINTZBERG, H. *Ascensão e queda do planejamento estratégico*. Porto Alegre: Bookman, 2004. 360 p.

MURTA, I. B. "A gente é dono e não é": representações sociais em torno da atividade turística e do processo de patrimonialização em São Bartolomeu. 139 f. 2009. Monografia (Bacharelado em Turismo) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

ORTIZ, R. Walter Benjamin e Paris – individualidade e trabalho intelectual. *Tempo Social*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 11-28, maio 2000.

PAÇO-CUNHA, E. Duas críticas anti-antinômicas ao debate objetividade-subjetividade nos estudos organizacionais. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, XXXII, 2008, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ANPAD, 2008.

PETTIGREW, A. M. *The politics of organizational decision making*. Travistock: London, 1977. 272 p.

PINEL, H.; COLODETE, P. R. Pesquisa no / do/ com o "cotidiano": uma proposta fundamentada em Michel de Certeau. Disponível em: <http://www.neaad.ufes.br/subsite/psicologia/obs06.htm>. Acesso em: 13 abr. 2010.

POTTER, J. Discourse analysis and constructionist approaches: theoretical background. In: In: RICHARDSON, J. T. E. (Ed.). *Handbook of qualitative research methods for psychology and the social sciences*. Leicester: British Psychological Society, 1996. p. 125-140.

REED, M. Organizational theorizing: a historically contested terrain. In: CLEGG, S. R.; HARDY, C.; NORD W. (Ed.). *Handbook of organization studies*. London: Sage, 1996. p. 31-56.

SOUZA, C. M. L. Entre o planejamento estratégico formal e informal: um estudo de caso exploratório sobre a prática de estratégia nas organizações. *Revista de Administração Contemporânea*, Curitiba, v. 15, n. 5, p. 855-876, set./out. 2011.

SOUZA, E. M.; CARRIERI, A. P. A analítica *queer* e seu rompimento com a concepção binária de gênero. *Revista de Administração Mackenzie*, São Paulo, v. 11, n. 3, p. 46-70, maio/jun. 2010.

SOUZA, M. M. P. "O teatro como forma de se colocar no mundo": a formação de identidades nos grupos galpões. 242 f. 2010. Dissertação (Mestrado em Administração) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SOUZA; M. M. P.; CARRIERI, A. P. Identidades, práticas discursivas e os estudos organizacionais: Uma proposta teórico-metodológica. *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 40-64, mar. 2012.

STAMBONSKY, L. S. O.; OLIVEIRA, I. B. A fala dos passos: a construção de um espaço sagrado judaico na cidade de Natal. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, Uberlândia, v. 7, n. 2, p. 1-13, maio/ago. 2010.

VIZEU, F. Em Algum lugar do passado: contribuições da pesquisa histórica para os estudos organizacionais brasileiros. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, XXXI, 2007, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ANPAD, 2007.

VOLBERDA, H. W. Crise em estratégia: fragmentação, integração ou síntese. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 44, n. 4, p. 32-43, out./dez. 2004.

WOOD JR, T.; PAULA, A. P. P. Pop-management: contos de paixão, lucro e poder. Organizações & Sociedade, Salvador, v. 9, n. 24, p. 39-51, maio/ago. 2002.

As gestões e as sociedades

Resumo

O NEOS – Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade, foi concebido como um núcleo interdisciplinar que concentra suas atividades na investigação de fenômenos organizacionais e sociais, procurando construir interfaces entre as áreas da Teoria Organizacional e o Pensamento Social. A partir de 2014, o grupo passa por uma reformulação e constroi uma linha temática que se denomina “A história da vida organizada e da gestão ordinária”. É importante destacar que, como para Foucault (2000), vemos a vida sob uma forma histórica de múltiplas relações de poder que perpassam caracterizam, constituem o corpo social.

Palavras-chave

Vida organizada; Cotidiano; Gestão ordinária; Relações de poder.

The managements and the societies

Abstract

The NEOS – Center for Organizational Studies and Society, was conceived as an interdisciplinary center that focuses its activities on research of organizational and social phenomena, seeking to build interfaces between areas of Organizational Theory and Social Thought. From 2014, this group goes through a redesign and has built a thematic line called “The history of organized life and ordinary management”. It is important to highlight that, same way of Foucault (2000) thought, we see life under a historical way of multiple power relations that underlie, characterize and constitute social body.

Keywords

Organized life; Everyday; Ordinary management; Power relations

Las gestiones y las sociedades

Resumen

El NEOS – Centro de Estudios Organizacionales y Sociedad, fue concebido como un centro interdisciplinario que centra sus actividades en la investigación de los fenómenos organizacionales y sociales, buscando construir interfaces entre las áreas de Teoría Organizacional y Pensamiento Social. A partir de 2014, el grupo pasa por un rediseño y pasa a tener una línea temática que se llama “La historia de la vida organizada y gestión ordinaria”. Es importante destacar que, así como para Foucault (2000), nosotros vemos la vida desde una forma histórica de múltiples relaciones de poder que subyacen, caracterizan y constituye el cuerpo social.

Palabras clave

Vida organizada; Cotidiano; Gestión ordinaria; Relaciones de poder.

Autoria

Alexandre de Pádua Carrieri

Doutor em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor

Titular da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail:

alexandre@face.ufmg.br.

Endereço para correspondência

Alexandre de Pádua Carrieri. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Ciências Econômicas. Av. Antonio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 31270-901. Telefone: (+55 31) 34097238.

Como citar esta contribuição

CARRIERI, A. P. As gestões e as sociedades. Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 21-64, jun. 2014.

Contribuição Submetida em 26 ago. 2014. Aprovada em 26 ago. 2014. Publicada online em 4 set. 2014. Sistema de avaliação: Convite. Avaliação sob responsabilidade do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Editor: Luiz Alex Silva Saraiva.



REVISTA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE

NÚCLEO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE | FACE / UFMG | BELO HORIZONTE | V. 1 | N. 1 | JULHO | 2014 | ISSN: 2358-6311